

---

# EDITORIAL

---

## SÍNODO 85: ENTRE TEMORES E ESPERANÇAS

*A Igreja foi surpreendida pela convocação do Sínodo Extraordinário a realizar-se em Roma, de 25 de novembro a 8 de dezembro deste ano. Tanto mais surpreendente quanto já se preparava o Sínodo Ordinário sobre os leigos, por isso então adiado.*

*Imediatamente cruzaram-se expectativas, análises, hipóteses explicativas, ora numa linha de esperança, ora de temores de retornos restauradores.*

*Inspirados nas palavras do próprio texto de convocação, que propõe como tarefa primordial do Sínodo avaliar a recepção do Vaticano II, sua assimilação no nível do conhecimento e no nível da prática "na Igreja universal e nas Igrejas particulares" e "favorecer o ulterior aprofundamento e a constante inserção do Vaticano II na vida da Igreja à luz também das novas exigências", alinhamo-nos entre os esperançosos. Tanto mais que a avaliação a ser feita pelo Sínodo obriga-nos a voltar às fontes inspiradoras do Concílio Vaticano II, caracterizado decidida e decisivamente por João XXIII como um Concílio de "aggiornamento" e pastoral, de aprofundamento da identidade da Igreja e de renovação de sua vida e de sua missão no mundo contemporâneo à luz do Evangelho e da Tradição.*

*Que podemos e devemos então esperar do Sínodo? Negativamente, não se deve esperar do Sínodo mais do que ele pode dar.*

*Em primeiro lugar, um Sínodo não é um Concílio. O Sínodo, portanto, não poderia de maneira alguma, nem sequer indiretamente, pôr em questão o conteúdo dos documentos conciliares. A finalidade do Sínodo é avaliar sua recepção. Mesmo esta não poderá ser avaliada de maneira sistemática e exaustiva. A exigüidade do tempo disponível: dez meses para a preparação e duas semanas para a execução, torna impossível tal tarefa.*

*A função do Sínodo dos Bispos está delimitada, em segundo lugar, pelo seu estatuto jurídico. Tal como foi instituído por Paulo VI faz exatamente vinte anos, respondendo ao pedido do Concílio, o Sínodo tem essencialmente uma função consultiva, de aconselhamento do Papa. Mais delimitada ainda é a função do Sínodo Extraordinário, convocado quando questões que dizem respeito ao bem da Igreja Universal exigem*

---

respostas rápidas.

*Que questões seriam essas? Nas que foram enviadas aos bispos pela Secretaria do Sínodo pede-se uma avaliação dos erros, abusos e dificuldades porventura existentes na assimilação, interpretação e aplicação do Concílio e dos frutos que o mesmo Concílio produziu na vida da Igreja. Essa avaliação deve ser feita a partir das experiências trazidas pelos bispos de suas Igrejas particulares.*

*Uma avaliação desse tipo é conveniente e até necessária, em princípio. Dificuldades e tensões, falhas e erros, desvios e excessos fizeram, fazem e farão sempre parte, até a Parusia, da história da Igreja; não excluía sua história recente. Na Igreja de Deus sempre haverá rumos a corrigir e práticas a revisar, quer no nível individual, quer no nível comunitário. Neste sentido, o Sínodo poderá perfeitamente julgar conveniente — ou até necessário — dar alguma norma ou dizer alguma palavra decisiva sobre um ou vários pontos.*

*Mas é preciso considerar que dificuldades, erros e abusos na Teologia e na prática eclesial teriam se manifestado também no caso de não ter havido Concílio. E nesta hipótese teriam estourado com muito mais virulência, de maneira anárquica e arrasadora, justamente por faltarem os pontos de referência marcados pelo Vaticano II. Em outras palavras, é preciso distinguir entre o fenômeno e as causas, entre o "post hoc" e o "propter hoc". Dificuldades e tensões, erros e abusos surgiram e continuarão a surgir, não por causa do Concílio, mas depois do Concílio por causa das mudanças havidas nas sociedades, tradicionais, modernas ou pós-modernas em que a Igreja vive.*

*Além disso é necessário ponderar atentamente o peso e as dimensões reais dos eventuais erros e abusos, a interpretação que deve ser dada aos fatos e as conseqüências que é lícito tirar desses fatos, uma vez corretamente interpretados. Não seria lícito, por exemplo, esperar do Sínodo uma freada nos impulsos dados à Igreja sob o pretexto de acabar com os erros e confusões, reais ou imaginários, atribuídos ao Concílio. Tal tentativa significaria uma flagrante infidelidade ao espírito e à letra do Vaticano II. E estaria também em contradição formal com o objetivo indicado por João Paulo II para o próximo Sínodo: "favorecer o ulterior aprofundamento e a constante inserção do Vaticano II na vida da Igreja, à luz também das novas exigências". O Vaticano II deu efetivamente à Igreja impulsos que é necessário levar adiante, abriu caminhos que é preciso percorrer, explicitou potencialidades que carece traduzir em atos.*

*Conservar íntegra a substância da fé cristã é missão essencial da Igreja. Fazê-lo de maneira defensiva e polêmica, angustiada e angustiante, em vez de fazê-lo de maneira pacífica e pacificadora, entusiasmada*

---

*e entusiasmante, acaba tornando-se um desserviço à defesa e à propagação da fé. Levantar muralhas, retirar-se para detrás de bastiões, encerrar-se em ghettos, empreender projetos de restauração, concentrar todas ou a maior parte das energias na defesa de um ortodoxismo verbal significaria trair a missão da Igreja no mundo de hoje, com conseqüências nefastas para a Igreja e para o mundo de amanhã.*

*A fé cristã perde sua substância não só quando é reduzida a um humanitarismo intramundano, mas também quando perde sua luz e sua força porque é escondida debaixo do alqueire ou é mantida separada do mundo que Deus tanto amou (Jo 3, 16).*

*O mundo no qual hoje a Igreja tem que anunciar, testemunhar e viver o Evangelho é um mundo cada vez mais plural e complexo, interna e externamente dividido por toda espécie de conflitos. É um mundo dilacerado por egoísmos individuais e coletivos, por injustiças e opressões de dimensões planetárias; e, ao mesmo tempo, com uma sede insaciável de justiça e de solidariedade, de liberdade e de libertação, de comunhão e de fraternidade. É um mundo materialista e imanentista, prometéico e niilista, por um lado, e, por outro lado, um mundo que busca desesperadamente libertar-se dos cativeiros que ele mesmo construiu, que necessita de sentido para viver como de ar para respirar.*

*Para poder realizar sua missão evangélica nesse mundo, a atitude fundamental da Igreja tem que ser a que adotou o Vaticano II: uma atitude de compreensão e de misericórdia ilimitadas, de confiança e de esperança evangélica, uma atitude de simpatia e de solidariedade, de busca, de discernimento e de diálogo dentro e fora da Igreja. Na nossa Igreja de hoje sente-se dolorosamente a ausência destas atitudes que vêm do Espírito. Nela há, pelo contrário, demasiado espírito inquisitorial, judiciário e autoritário; demasiadas prevenções, suspeitas e acusações; demasiado pessimismo com relação ao mundo, ou a um determinado "mundo", e com relação à Igreja, ou a uma determinada "imagem" de Igreja. Conseqüentemente, há demasiada críspação e polarização. Fechar-se em tais atitudes, particularmente numa visão pessimista do período pós-conciliar, é também uma forma de não-recepção do Vaticano II, do seu espírito e de sua letra.*

*Além de uma recuperação e aumento da esperança cristã temos o direito e o dever de esperar que a avaliação a ser feita pelo Sínodo esteja marcada pela atitude de "catolicidade" típica da tradição católica. O espírito "católico" tende a incluir mais do que a excluir, a somar mais do que a dividir. É característico do catolicismo carregar e suportar as tensões inerentes à manutenção do et et sem apelar para a solução radical, no fundo maniqueísta e cismática, do aut aut. Essa tensão é difícil de su-portar, mas a longo prazo revela-se sempre como a mais fecunda. Ela*

---

*se desdobra numa série de tensões que a Igreja católica deverá manter a todo custo durante o longo processo de recepção do Concílio e que são essenciais para a vida, para a unidade e para a missão da Igreja: fidelidade à Tradição e fidelidade ao momento presente, reserva escatológica e compromisso terrestre, serviço da fé e promoção da justiça, contemplação e ação, ortodoxia e ortopraxis, ou como quer que sejam formuladas todas essas tensões entre dois pólos, que no fundo se reduzem a uma só: abertura e serviço a Deus e abertura e serviço ao homem. Na medida em que a Igreja optasse unilateralmente por uma só das fidelidades do binómio, ela se tornaria infiel também à outra, a si mesma e à sua missão.*

*Como fruto da avaliação do período pós-conciliar, a ser feita pelo Sínodo com espírito de discernimento e com paciência histórica, podemos e devemos esperar que a febre da confrontação e da polarização não suba mais em espiral mas desça no corpo da Igreja.*

*Ao que tudo indica, a preocupação maior do Papa, o motivo de fundo que o levou a convocar o Sínodo Extraordinário iria nesta direção de superar — no sentido de suprasumir — as tensões e conflitos, as divergências e divisões que atualmente atravessam dolorosa e perigosamente o corpo da Igreja. O bem da Igreja universal que exigiria respostas rápidas seria neste caso o bem fundamental da unidade. Sinal e servidor da unidade de todas as Igrejas, o Bispo de Roma buscaria, através do Sínodo, respostas a estas questões num contexto amplo de colegialidade e de corresponsabilidade. A centena de Presidentes das Conferências Episcopais, todos escolhidos pelos seus irmãos no episcopado em cada país, ofereceriam um foro suficientemente amplo e representativo para a busca de respostas às questões vividas pelas Igrejas particulares da Catholica.*

*Não se trata, por conseguinte, de apelar para a prática de um centralismo burocrático. Ao avaliar as dificuldades e problemas surgidos na Igreja durante os últimos vinte anos, o Sínodo não poderá dar respostas na forma de receitas universalmente válidas. Os desafios com que se defrontam a vida cristã e a ação pastoral da Igreja existem concretamente nas Igrejas particulares. Os desafios com que se defronta a Igreja nos imensos interiores ou nas periferias inchadas das grandes cidades da América Latina, por exemplo, não são exatamente os mesmos que os que tem que enfrentar nas grandes cidades da Europa, dos Estados Unidos da América ou nas repúblicas socialistas do Leste. É aqui onde entra em jogo a relação difícil mas necessária e fecunda entre a Igreja universal e as Igrejas particulares e a difícil mas necessária prática da colegialidade.*

*Não se pode pensar nem viver todas as dimensões da fé cristã ao mesmo tempo e com a mesma intensidade. Este princípio, válido para*

---

*cada cristão em particular, é também válido, "mutatis mutandis", para as comunidades cristãs, para as Igrejas particulares e para a Igreja universal vistas diacrônica e sincronicamente. Por isto sempre houve, já desde o Novo Testamento e ao longo de toda a história da Igreja, diferenças e até divergências de pontos de vista e de posições; parcialidades, no sentido de acentuações, na Teologia, na espiritualidade, na prática pastoral. Tais acentuações são não só inevitáveis, mas também legítimas e até necessárias e salutares. São elas no seu conjunto as que constituem a riqueza da Igreja, a sua catolicidade quantitativa e qualificativa. Elas são sinais da presença atuante do Espírito na Igreja. Qualquer tentativa de impor uma uniformidade homogênea, uma "linha" desde cima ou desde um centro de decisões fechado, traria inexoravelmente consigo, caso fosse realizada, as conhecidas seqüelas de insatisfação e de revolta, ou então de tristeza e de desânimo e, finalmente, de esterilidade e de morte.*

*Uma certa polarização de tendências e de grupos dentro da Igreja em questões teológicas e práticas pastorais discutíveis não se opõe, portanto à unidade da Igreja. Ao contrário. Sem ser perfeito, o Vaticano II, foi um modelo de superação — de assunção superior — de diferenças, de correntes, de posições opostas dentro da Igreja. Esta deverá ser também, parece-nos, uma das tarefas mais importantes do próximo Sínodo no novo contexto histórico em que se encontra a Igreja.*

*Com o zelo e a coragem, a franqueza e a liberdade de pastores responsáveis por suas Igrejas locais e corresponsáveis por todas as Igrejas, os bispos reunidos em Sínodo deverão estudar, debater e discernir colegialmente, sob a inspiração e com a criatividade do Spiritus Creator, quais os problemas mais importantes e urgentes com que se defronta a missão da Igreja hoje, quais os desafios inarredáveis que o mundo deste final do século XX lança à Igreja. Só assim poderão eles ser também adequadamente conhecidos e avaliados pelo Bispo de Roma.*

*Diante do mal-estar e sofrimento causados pelo confrontos e divisões na Igreja é necessário confiar no Espírito que a conduz. Assim procedem sempre os santos, também os dos nossos dias: homens e mulheres verdadeiramente livres e libertadores porque aprenderam a amar e servir mais e melhor, ora falando e agindo, ora silenciando e morrendo. O Espírito que sopra onde, quando e como quer, e que com o seu alento cria sempre vida nova e abre novos espaços de liberdade e de libertação é o oposto de toda homogeneidade; e, a longo prazo, o iconoclasta de todo monolitismo. O espírito que conduz a Igreja é um permanente improvisador. As veredas pelas quais ele a guia através do grande sertão da história não podem ser marcadas e delimitadas de antemão. Se assim fosse, João XXIII jamais teria convocado o Vaticano II. É de se esperar que o mesmo espaço para a ação do Espírito seja aberto no Sínodo Extraordinário. Travessia.*